

Mito e Psicanálise: quando eles nos vivem e quando nós os vivemos?

Juliano Fontanari*

*Certos desejos e instintos que são considerados como ilegítimos; revelam-se ao que parece em todos os homens, mas em muitos estão submetidos ao domínio da lei e da razão... são eles totalmente suprimidos ou quebrados em sua força e número... Refiro-me aos desejos que despertam quando o poder raciocinante e diretor da conduta está adormecido; o animal selvagem que temos em nós, só alimentado¹ de materialidades, sai de seu antro e dá largas a sua vontade; não existe crime ou loucura, por mais vergonhosa e antinatural – como o parricídio e o incesto, que tais naturezas não cometam. Mas quando o homem está em sadio equilíbrio e vai dormir sob o sereno domínio da sua razão... tendo satisfeito sem excessos seus apetites... está ele com poucas probabilidades de fazer-se juguete de visões desordenadas... **Em todos nós, ainda nos de melhor natureza, subsiste a fera que durante nosso sono abre os olhos e espia** (Durant, 1966, p.45 e A República, 571-573, p.411-14).*

Resumo

Este estudo, a propósito do uso dos mitos como modelos demonstrativos de sistemas teóricos psicanalíticos e como geradores de subjetivação, aborda sumariamente o problema da produção de verdade na psicanálise. Relata os Mitos de Édipo, Narciso e Eco, nestas perspectivas, e aponta o próprio produto da teorização, nesta área, como mítico, operando como memória encobridora. Aponta os mitos como importantes elementos contidos na cultura e transmissores de subjetivação entre gerações, enfatiza a imersão mítica em que vivemos – experiências vivas e usuais – e o alto custo em sofrimento pela perda da pertença grupal ao se contrapor aos mitos grupais e institucionais.

Palavras-chave: Mitos de Édipo. Narciso. Eco. Transmissão geracional. Subjetivação. Linguagem e Religião.

Observando o uso que fazemos dos mitos quando tentamos compreender o humano, notamos que sobressaem duas vertentes. Na primeira, conforme as teorizações iniciais do criador da psicanálise, Sigmund Freud, e de seu discípulo de primeira hora, Karl Abraham, os mitos são usados para demonstrar a existência de desejos, pulsões, “instintos”. Eles são então criados como ressonadores de desejos que precisam permanecer escondidos na mente humana, produtora, pelo mesmo processo, de sonhos, devaneios, fantasias (inconscientes) e da arte.

* Médico, Neurologista e Psiquiatra, Mestre em Linguística pela PUCRS, Psicanalista CEP-PA, Filiado a Neuro-Psychoanalysis Association, Membro Efetivo e Professor do CIPT.
E-mail: jfontanari@terra.com.br

¹ A tradução portuguesa de *Maria Helena Rocha Pereira* refere-se a *canibalismo* e a *comer qualquer coisa*.

Todos eles são considerados como formações de compromisso, formações substitutivas, cuja função é dissimular as verdadeiras motivações das pulsões, buscando algum modo de descargá-las. Na segunda vertente, cuja origem pode ser rastreada, como veremos adiante, na obra, agora, tardia de Freud, e em outros autores, os mitos são compreendidos como modelos de subjetivação, são eles que moldam nossas mentes. No primeiro uso, nós criamos os mitos e eles nos servem, nós os vivemos. No segundo, eles nos criam, nós os servimos e eles nos vivem. Em uma analogia, seria como se, num momento, dirigíssemos nosso carro e levássemos os mitos como passageiros e, em outro momento, nós fóssemos os passageiros e os mitos dirigissem nosso carro. Ambos os casos são produções coletivas, mas, no primeiro, a ênfase é biológica e, no segundo, cultural.

Este estudo ocupa-se de argumentações em torno destes dois enfoques e da problematização que originam. Contemporaneamente, predomina a idéia de que os mitos, mesmo sem serem dialéticos, lógicos, produtores de verdade, educam, subjetivam e operam como marcadores de lugares sociais, institucionais e familiares e que, para definir os lugares de emergência do humano – bio-psico-social –, é imprescindível esta binocularidade de compreensão dos mitos, tanto como expressão da biologia, como produção cultural *inter* (família, instituições) e *transubjetiva* (grandes grupos, etnias), mas também *subjetivadora* (indivíduo, sujeito, pessoa). Observamos que esta emergência, o aparecimento do humano, assim como sua compreensão, diferentemente dos produtos da lógica e da dialética, acontecem por figurações peculiares, quase como obras de arte, míticas, criadas nos espaços intersubjetivos e em presença de pessoas. Estas figurações são específicas a cada um de nós e aos vínculos específicos que geramos, exatamente como a história pessoal vivida e como nosso nome que nos carrega e ao qual carregamos. Embora os mitos, como a arte, não sejam produtores de verdade como a ciência, eles residem, com sua geratividade, na fenda entre o pensamento (individual) e a linguagem (coletiva). Eles obrigam o pensamento à busca de denotação no mundo e produzem o imaginário que, caso seja inundado pela experiência religiosa, mágica (como se dá com a criança), fazem a mente pensar pensamentos que só existem, de fato, na linguagem, mas parecem estar no mundo.

Como, para o psicanalista, o relevante em cada história é a expressão anímica, mágica, vital – *catexia libidinal* – o conceito de mito aqui usado está ampliado para toda produção coletiva expressiva – contida em material verbal ou para-verbal – possuidora de vida, de partes de subjetividades, compreendida e sentida como histórias verdadeiras, abarcando as lendas urbanas, as histórias de grupos vários e pessoais além das muitas expressões da arte. Interessa menos o envelope onde está contido – linguagem, artes cênicas, plásticas – e mais a impregnação mágica associada à força de convicção, como se dá com o que sentimos como verdadeiro e real.

Freud (1972), em *Moisés e o Monoteísmo*, sua obra derradeira, marca

seu último paradigma, sobre o tema das identificações, da constituição do *ser (self)*, da transmissão inconsciente dessas identificações e sobre a gênese da Cultura, que acabou por gerar o que hoje conhecemos por *psicanálise vincular e transgeracionalidade*. A proposta do novo modelo está contida em sua pergunta: “Como teria persistido na mente do povo judeu que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram?” Ele ensaia respostas, argumentando sobre a importância da *linguagem* e da *herança atávica* na transmissão desta informação, além de apontar que as “reações a traumas precoces não se limitam estritamente ao que o próprio indivíduo experimentou, mas... se ajustam muito melhor ao modelo de um evento filogenético...”. Referiu-se também à *herança arcaica*, considerando que “...esse problema levanta a questão de saber sob que forma a tradição operante – espaço transubjetivo – na vida do povo se apresenta, questão que não ocorre nos indivíduos, visto que aí é solucionada pela existência inconsciente de traços mnêmicos do passado – espaço intrapsíquico”. (FREUD, 1972, p.114)

Em minha opinião, existe, a esse respeito, uma conformidade quase completa entre o indivíduo e o grupo: também no grupo uma impressão do passado é retida em traços mnêmicos inconscientes (FREUD, 1972, p.115).

Sua preocupação com o tema é antiga. Em *Totem e Tabu* (1975), texto em que pretendeu apontar as origens da Cultura, assinalou:

Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha suposição a existência de uma mente coletiva², – espaço transubjetivo – em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente – espaço intrapsíquico – de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. Supus que um processo emocional, tal como se poderia ter desenvolvido em gerações de filhos que foram maltratados pelos pais, estendeu-se a gerações novas livres de tal tratamento, pela própria razão do pai ter sido eliminado. Devo admitir que estas são dificuldades graves e qualquer explicação que pudesse evitar pressuposições dessa espécie seria preferível (p.187). Continua: ‘Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?’ Logo adiante: ‘...pois a psicanálise nos mostrou que cada homem possui, na atividade mental inconsciente, um aparelho que o capacita a interpretar as reações das outras pessoas – espaço intersubjetivo -, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão

² Interessante que o texto onde estão estas idéias, por vez primeira na obra de Freud mas fundamentais na obra de Jung – *Totem e tabu* – tenha sido escrito durante a ruptura de ambos, que se prolongara de 1912 a 1914, conforme Grosskurth (1992).

de seus próprios sentimentos (FREUD, 1975, p.188).

Parte dessa transmissão – entre estes espaços e, em consequência, entre gerações – é feita pelos *mitos* – em grego, *palavra* – no caso, com o conceito ampliado, juntando aos mitos verdadeiros, os falsos mitos ou mitos desmitologizados – lendas, histórias e até fofocas – importantíssimos que são na atualidade. É questão em aberto “o quê” (contido nos mitos) é transmitido e “o como” isto acontece. Provavelmente, tudo transmite: conteúdo, forma, emoções acompanhantes. Os mitos estão em uma região limítrofe entre a ação, a emoção e a palavra plena. Ou estão investidos de algo vivo, ou não são mitos – animados -, são áreas de nossas mentes que persistem no animismo. Eles começaram como a *ciência* do homem primitivo. Digamos, apenas para exemplificar e numa má analogia, que operam como se fossem *palavras obscenas*. Contaminam, causam sensação, induzem comportamentos, determinam e normatizam rituais, ritualizam a vida, pois, como mostrou Freud, estão ligados a fontes motivacionais humanas relevantes. Resultam da contribuição de muitos. Como a língua, transformam-se, acrescentam-se e recriam-se.

Estamos imersos em mitos urbanos em quase tudo o que fazemos – moda, normas de etiqueta e “morais” grupais – mas esses mitos só perdem a transparência, ficam francamente opacos, em histórias que contrastam com nossa racionalidade operante de desmitologizações. Em nosso cotidiano, estão lendas urbanas como aquela que relata serem os sanduíches de uma dada empresa fabricados com carne de animais engordados em apartamentos, suspensos por estruturas metálicas e com o intestino ligado diretamente à rede de esgoto. Por esta lenda, haveria a fácil explicação de que este alimento não é saudável, ela denunciaria o controle externo e a esquizoidia de nossas vidas, gerando emoções desconfortáveis, como a de ser enganado e controlado à distância. Outra história desestimula as moças ao desconhecido, mantendo-as dentro de casa: ao passar pelo tapume de uma construção, a moça ouviu um bebê chorando e foi investigar. Dias depois, a família, que recebera um chamado anônimo, a encontrou num hotel, dentro de uma banheira com gelo e sem os dois rins. Esta lenda tem possíveis explicações rastreáveis à regulação da genitalidade e poderia ser vista como um ‘sonho coletivo’ de elaboração de um aborto. Dificilmente essas figurações deixam de persistir algum tempo em nós. Como as palavras obscenas, não há como fugir da cena e do impacto emotivo que produzem.

Entre os adolescentes, circulam algumas lendas interessantes, como a de que as moças que se pintam nas escolas, beijam e escrevem com batom nos espelhos, devem tomar cuidado, pois os espelhos são lavados com água do vaso sanitário. Esta lenda urbana evoca em nós, precisamente, um sentimento dominante desse momento vital, a adolescência, que demanda a sexualidade e suas secreções, cheiros e tocos: o nojo. Os adolescentes precoces, em outra lenda bastante expressiva da sexualidade neste grupo,

temem que, dependendo de movimentos rítmicos, seqüenciais vários que fizerem no banheiro da escola, batendo nas pias, provocarão o aparecimento de uma loira que foi assassinada. Esta figuração ocupa-se com questões vitais deste momento da vida, como o treinamento da masturbação, e com o sentimento de perplexidade diante da sexualidade, divididos que estão os adolescentes entre deleite e susto: maravilha se aparecer a loira, mas que susto! Em vários lugares do mundo os vasos sanitários já vêm com uma manchinha, como uma mosquinha, no fundo, pois isto estimularia a pontaria e impediria que se sujasse o banheiro. Uma hipótese é que esta lenda envolve a intenção de algum treinamento! Embora anedótico, como posto, os assuntos são de máxima relevância; desde a regulação da vontade à tramitação da reprodução.

Parte disso, no âmbito da produção individual – intrapsíquico, intrasubjetivo –, cabe no conceito freudiano de memória encobridora (*lembranças encobridoras*), termo utilizado por Freud (1898, 1899) para a situação de um esquecimento no qual, ao invés do nome ou do evento esquecido, surge na consciência, com grande vividez sensorial, de forma ultraclara, a imagem de algo que, mesmo aparentemente irrelevante, sem importância, está relacionado ao elemento esquecido.

Essa idéia... quase uma alucinação ... corresponde à fantasia...
...uma recordação... cujo valor consiste no fato de que representa na memória impressões e pensamentos de uma data posterior, cujo conteúdo é ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes pode propriamente denominar-se lembrança encobridora (FREUD, 1978, p. 346).

Temos a moça na banheira com gelo e sem os rins, a precisão com o jato de urina, o ritual mágico da loira, os animais confinados em apartamentos.

O Senhor projetou as duas fantasias uma na outra e fez delas uma lembrança infantil. As flores alpinas constituem um indício, marcando a data da elaboração. Posso assegurar-lhe que as pessoas, com freqüência, constroem tais coisas inconscientemente – quase como trabalhos de ficção (FREUD, 1976, p.346).

Freud aponta o indicativo afetivo para o fenômeno: *vividez sensorial*. *A moça na banheira com gelo e sem os rins* persiste em nossa mente. O mito é uma destas produções sobre temas relevantes que acessa a sociabilização, essa área *intersubjetiva*, que fica na transição entre as mentes, atualizando-se, a partir de nossos anseios e preocupações, num *sonho coletivo* – um modo de realizar desejos e resolver problemas da humanidade e também de impor um sistema de crenças, convicções, um sistema de ser.

Abraham (1909) foi um dos pioneiros na comparação dos mitos com produtos da psicologia individual, sempre com o propósito afirmado de

demonstrar que *as* “doutrinas de Freud podem aplicar-se em amplo grau à psicologia dos mitos e proporcionar assim uma nova base para sua compreensão” (ABRAHAM, 1961, p.147). Ao comparar as fantasias infantis nos sonhos e nos mitos, reparou que os mitos, como os sonhos, servem à realização de desejos e que há significativa semelhança entre o simbolismo dos sonhos, dos mitos e o de outras formações da fantasia. Ele examinou os efeitos da censura nos sonhos e nos mitos e a presença de mecanismos típicos do que mais tarde se chamará pré-consciente – condensação e deslocamento (metáfora e metonímia) comuns a todas as *formações* (figurações) que conhecemos como substitutivas ou de compromisso – que são derivativos das pulsões. Existem inúmeros textos sobre a psicanálise de lendas, de contos de fadas, sobre a psicanálise aplicada à literatura e a biografias. Algumas interpretações estão próximas de emoções e sentimentos primitivos, outras figuram o corpo como metáfora e metonímia.

A psicanálise utiliza dois mitos como metáforas-modelos, figurações-moções de sistemas teóricos: o Mito de Édipo e o Mito de Narciso, os quais vamos recontar e discutir a seguir.

1 O mito como representação de moções pulsional estruturantes do humano

Na citação de um trecho conhecidíssimo da *Interpretação de Sonhos* (1900/1975, p. 276-282), vemos como Freud pensava o Édipo Rei, deixando-o recitá-lo com suas palavras. A leitura ressalta a noção de Diderot de quem Freud era adepto: *a mente é uma secreção do cérebro* ou, em outro viés, dito por Brown e Darwin, *o social é uma secreção da mente*³. A obra Édipo Rex foi produzida para expressar tensões pulsionais sexuais. Não é adequado referir-se ao Mito de Édipo. Freud refere-se ao *produto da mente de Sófocles*.

O papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuróticas é desempenhado por seus pais. Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior... Essa descoberta é confirmada... por uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome. ...Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enfeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio de que a criança ainda

³Cumpre apontar que questões como a de que *os filhos são a secreção do casal* ficam mal-contempladas por estes modelos, embora tal fato seja inegável: *o fruto não cai longe do pé*. Este espaço *intersubjetivo* modelizado pela palavra *casal* e capaz de gerar subjetividades – *filhos* – tende a ficar eclipsado pelo espaço intrapsíquico e pelas pulsões, conceito limite com o orgânico, exceto, como vimos, no final da vida-obra de Freud.

por nascer seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto a sua origem, também ele interrogou o oráculo e foi alertado para evitar sua cidade, já que estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditara ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo com paz e honra, e aquela que, sem que ele o soubesse, era sua mãe, deu-lhe dois filhos e duas filhas. Por fim, então, irrompeu uma peste e os tebanos mais uma vez consultaram o oráculo. É nesse ponto que se inicia a tragédia de Sófocles. Os mensageiros trazem de volta a resposta de que a peste cessará quando o assassino de Laio tiver sido expulso do país [...]

Estarrecido ante o ato abominável que inadvertidamente perpetrara, Édipo cega-se... Se Oedipus Rex comove tanto uma platéia moderna quanto fazia com a platéia grega da época... Deve haver algo que faz uma voz dentro de nós ficar pronta a reconhecer a força compulsiva do destino no Oedipus... E há realmente um fator dessa natureza envolvido na história do Rei Édipo. Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso – porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis... Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral, que nos foram impostos pela Natureza; e após sua revelação, é bem possível que todos busquemos fechar os olhos às cenas de nossa infância. Há uma indicação inconfundível no texto da própria tragédia de Sófocles, de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos primeiros sobressaltos da sexualidade. Hoje, tal como outrora, muitos homens sonham ter relações sexuais com suas mães, e mencionam esse fato com indignação e assombro (FREUD, 1975, p. 278-279).

Ainda na *Interpretação de Sonhos*, o mesmo se dá com Hamlet. Toda a figuração que diferencia as duas obras é atribuída à repressão, recalçamento que operou em quase dois milênios que as separam. Sófocles viveu em torno de 401 a.C. e Shakespeare, entre 1564 e 1616. Novamente o material é usado para apontar a presença de forças pulsionais que já foram demonstradas pelo método clínico psicanalítico.

O Hamlet de Shakespeare, tem suas raízes no mesmo solo que Oedipus Rex. Mas o tratamento modificado do mesmo material revela toda a diferença na vida mental dessas duas épocas, bastante separadas, da civilização: o avanço secular do recalçamento na vida emocional da espécie humana. No Oedipus, a fantasia infantil imaginária que subjaz ao texto é abertamente exposta e realizada, como o seria num sonho. Em

Hamlet ela permanece recalçada; e – tal como no caso de uma neurose – só ficamos cientes de sua existência através de suas conseqüências inibidoras.... A peça se alicerça nas hesitações de Hamlet em cumprir a tarefa de vingança que lhe é atribuída... O que é, então, que o impede de cumprir a tarefa imposta pelo fantasma do pai? ...Hamlet é capaz de fazer qualquer coisa – salvo vingar-se do homem que eliminou seu pai e tomou o lugar deste junto a sua mãe, o homem que lhe mostra os desejos recalçados de sua própria infância realizados. Desse modo, o ódio que deveria impeli-lo à vingança é nele substituído por auto-recriminações, por escrúpulos de consciência que o fazem lembrar que ele próprio. (FREUD, 1975, p. 280)

Até o verão europeu de 1897, Freud pensava diferente do acima exposto, como evidencia sua *Correspondência a Fliess*. Ele assumia sua *neurótica*, sua *teoria da sedução*: os neuróticos, de fato, foram abusados, dizia ele. Freud anunciou a mudança em sua carta a Fliess, de 21 de setembro⁴. A descoberta, quase simultânea, do complexo de Édipo, foi feita em sua auto-análise, como descrito nas cartas de 3 e 15 de outubro, quando vislumbrou o mundo da sexualidade infantil presente em todas as crianças desde tenra idade, mesmo nas que não foram abusadas – externamente estimuladas – levando à manifestação precoce da sexualidade.

[21 de setembro] Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo... Não acredito mais em minha neurótica. ...Depois, veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso... Parece que novamente se tornou discutível se são somente as experiências posteriores que estimulam as fantasias, que então retornam à infância (MASSON, 1986, p.265).

[3 de outubro].nos últimos quatro dias, minha auto-análise... me apresentou com as mais valiosas inferências e indicações. ...que saudei o nascimento de meu irmão (que era um ano mais novo do que eu e morreu depois de alguns meses) com desejos hostis e verdadeiro ciúme infantil, e que sua morte deixou em mim a semente das autocensuras (MASSON, 1986, p.269).

[15 de outubro] Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas... Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex (MASSON, 1986, p. 271).

Fica claro que Freud, neste momento de sua obra, de posse de algumas idéias arrancadas da clínica, repara que elas – invariantes que se repetem – podem explicar parte do que motiva a existência dos mitos: *as pulsões sexuais e agressivas secretam o mito de Édipo*. Ele não faz o caminho inverso de buscar o humano ou explicar as motivações do humano pelos

⁴ Esta data é impressionante. Em 21 de setembro de 1939, deu-se o que segue: *Lieber Schur, certamente você se lembra de nossa primeira conversa. Você me prometeu então que não me abandonaria, quando chegasse a minha hora. Agora, tudo não passa de tortura e não faz mais nenhum sentido... quando ele entrou em agonia dei-lhe uma injeção... de morfina... repeti a dose depois de passadas doze horas... Morreu às três horas da madrugada de 23 de setembro de 1939. Arthur Schopenhauer também morreu em 21 de setembro, aos 4 anos de Freud, em 1860.*

mitos ou de que somos fabricados pelos mitos e pela linguagem e pela cultura. Bem entendido, a seta para Freud só tem um sentido. Em *Totem e Tabu* (1913), com suas ferramentas pulsionais, ele constrói um texto mítico – constrói um mito! – sobre nossa ancestralidade.

Destas observações persistem questões: Que forças fizeram com que a repressão fosse diferente em Édipo e Hamlet? Que força é essa que nos leva a comunicar sentimentos, pulsões, em mitos? Freud respondeu mais tarde sustentando que a pulsão mesma, a força instintiva, determina os mecanismos de defesa que serão usados, isto é, o ‘instinto’ determina a existência da repressão, da força que vai domesticá-lo, dados estes retirados da clínica com diversos tipos de neuroses. Assim, as obras de arte nos dão prazer por liberar uma parcela de pulsão. O que determina o processo civilizatório, o que determina o avanço da repressão? A resposta a esta questão – o homem é o único animal capaz de morrer de sede por não querer beber – obrigou Freud, em 1914, em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, a criar a psicologia do ego quando então o ego passa a ser o depósito de energia pulsional.

A Cultura para Freud, conforme *Totem e Tabu* (1913), está fundada no Complexo de Édipo⁵. Ele também é a condição *sine qua non* da psicanálise, ele a define⁶ e dá o colorido humano nas suas nuances. O Complexo de Castração, ao qual o Édipo está indissolivelmente ligado, é sua função interditória e normativa. É ele que *introduz* o menino na fase de latência ao interditar-lhe a mãe e, ao levá-lo a introjetar a figura paterna, *funda* o superego. Na menina, o Complexo de Castração leva a desejar o pênis paterno, *introduzindo-a* no Complexo de Édipo. Não se pode, portanto, dizer do Complexo de Édipo sem dizer do Complexo de Castração. Não se ingressa no Édipo⁷ sem passar pela crise da Castração⁸, não há Cultura, portanto, sem o Complexo de Castração.

⁵ Malinowski (1927), em seu texto básico, aponta que o argumento de Freud fundando a gênese da Cultura no Édipo – parricídio e castração – é *circular*, pois é necessária a existência da Cultura para agrupar os filhos como irmãos para juntos assassinar o pai.

⁶ Como Ciência Natural para Freud ou como hermenêutica, historicidade, para a contemporaneidade que tende a inverter a seta da cultura para a mente e para o corpo.

⁷ Freud acaba por sustentar que o Complexo de Castração e o Complexo de Édipo são protofantasia, preocupação última de sua vida, no *Moisés e o Monoteísmo*. A história – recentemente demonstrada (Grosskurth, 1992) – da psicanálise mostra que os motivos para os dois primeiros cismas – com Adler e Jung – foi a importância da libido e que, uma vez introduzida a *destrutividade* no corpo teórico da psicanálise, o motivo das rupturas deslocou-se para a aceitação ou não do Complexo de Édipo como o *primum movens* do humano. Rank – junto com Ferenczi – foi o primeiro a deslocar o nó górdio e reinterpretar o Édipo, a partir do trauma do nascimento o que lhe custou a impossibilidade de exercer a psicanálise a partir de 1930. Klein esteve em palpos de aranha ao priorizar, na sua teoria, a posição depressiva (Klein, 1934, 1940).

⁸ Estes complexos são experiências universais, mas que têm sido reinterpretadas de várias maneiras. Para uns está relacionada ao desmame, para outros ao nascimento. Sua universalidade impõe para os causalistas, deterministas a necessidade de experiências reais vividas que o expliquem. Freud, na sua pergunta: ‘Como teria persistido na mente do povo judeu que um dia possuíram um pai primeiro e o assassinaram?’ esta atrás desta resposta. Fundamenta o Complexo de Castração em experiências orais e anais, mas reserva o termo – Complexo de Castração – para a experiência imaginária da perda do pênis. Logo seu conceito de *Posteridade* (ressignificação) relaciona-o com outras fontes de ansiedade, mas então *elimina* da teoria freudiana as teses reducionistas – deterministas, causalistas – que buscam, sempre mais e mais, no passado, explicações para o presente, para o atual, pois pelo conceito de posteridade a memória, de linear passa a ser circular.

O *Complexo de Édipo* está fundado na bissexualidade humana, indispensáveis pilares que sustentam a abóbada edipiana da catedral teórica de Freud, sem os quais ela desaba. Como, para ele, o amor (pulsão sexual genital) só desabrocha – embora vá emergindo antes – na puberdade, o que opera desde o início são pulsões sexuais parciais que atraem o menino ao pai e à mãe. São estas pulsões que permitem a enformação das subjetividades, pois não amasse ele também o pai, por que renunciaria à mãe, admitindo-a como pertencendo ao pai e ainda o introjetaria, ficando parecido com ele? Está aí muito sumariamente posta a conhecida *teoria da pulsão, psicologia dos instintos ou psicologia do id*: primeiro, as pulsões sexuais (bissexualidade) e agressivas dirigidas ao pai e à mãe, formando os pilares, depois a construção da cúpula da catedral chamada Complexo de Édipo. *Complexo* é um termo tornado público por Jung e refere-se a forças que agrupam neurônios responsáveis por sistemas autônomos de memórias. Por exemplo, quando ficamos envergonhados e enrubescemos, deu-se a ativação de um complexo de memórias autônomo, pois não conseguimos impedir que apareça.

Édipo seria o grande complexo autônomo que nos enforma, o sistema que domina e *tranca* o funcionamento de nossas mentes. O mito, da mesma forma que o inconsciente freudiano – embora não sejam conceitos superponíveis –, seria a notação sempre revivida, organizada em uma *langue parole* figurativa de nossa conduta e experiência. Atemporal, realizando e organizando desde as fofocas do bar da esquina, os rituais, o folclore, as superstições, a estética e a arte. Cumpre discutir se os mitos expressam a mente ou, pelo inverso, a estruturam.

Existem inúmeras reinterpretções do Mito de Édipo, mas é problemático apontar o quanto vem da clínica e o quanto decorre da aplicação de outros modelos à interpretação do mito. Sem dúvida, porém, todos estes modelos são capazes de muito ajudar a clínica. Lembremos que especialmente os mitos são obras abertas, podem ser atravessadas por múltiplos sentidos.

♣ Édipo, adotado, sofrera tentativa de homicídio pelos pais biológicos, Laio e Jocasta. Depois foi enganado pelos pais adotivos, Políbio e Mérope, que lhe esconderam que fora abandonado e encontrado à morte por um pastor, o que foi crucial para o cumprimento de seu destino de culpa.

♣ A própria oscilação entre o crime, o assassinato (denigramento) e a adoção, pela qual foi criado grandiosamente como príncipe (idealização) tem sido rastreada a oscilações pulsionais.

♣ O mito tem multiplicidade de sentidos. Cada personagem veste um sentimento: Édipo tem a arrogância; Tirésias nega o conhecimento; a Esfinge estimula a curiosidade.

♣ O poder de Creonte (lei avuncular), tracionando o de Édipo (lei paterna).

♣ Jocasta roubou o esperma de Laio que, homossexual, não a desejava como mulher, esposa. Por que Édipo teria se cegado com os alfinetes do vestido de Jocasta? Mãe fálica, diz-se, mãe com *desejo de ser mãe*, não com *desejo de ter filhos*.

♣ Existem versões do mito nas quais Jocasta não se suicida e a participação das mães é algo constrangedora: Jocasta abandona o filho para a morte; Mérope cria Édipo sem identidade e sem história. Seria a Esfinge, metade animal, metade mulher, a expressão destas mães?

♣ O inverso do Mito de Édipo é o Mito de Odisseu (Ulisses) que se arrisca a morrer pelo filho Telêmaco, concebido com reconhecimento da diferença de sexos e com o amor à Penélope. Este mito aponta que Édipo, como o vemos em nós, embora nos ajude a todos, é uma experiência humana muito fraturada pela falta de empatia das figuras paternas.

♣ O Complexo de Édipo protege o pequeno macho da suas insuficiências, tanto do enfrentamento com machos adultos, como de sua humilhação de não poder preencher a vagina materna. Escondida na idéia de que a mulher não tem pênis está a negação de que ela tem uma vagina que o pênis do menino não completa.

♣ A demonstração da eficiência implacável das forças que governam nossa existência (fado, destino), especialmente quando desconhecemos nossa história – Édipo era adotado e a desconhecia completamente.

♣ A compulsão, a repetição entre gerações. Édipo também amaldiçoa os filhos que morrem tragicamente, numa verdadeira matança transgeracional provocada por pais abusadores. Ela começa talvez antes de Laio, quase um anagrama da pergunta de Freud, fundante da clínica vincular, que busca os marcadores de subjetivação transgeracionais.

♣ Abraham (1923) tem um modo de interpretar o Mito de Édipo tão marcadamente pulsional, no qual vemos as vestes que Klein usará, que merece ser citado. O encontro de Édipo com o cortejo real que *avançava rapidamente* indica o coito dos pais. Sustenta que, em diversas versões do mito, trata-se de uma *passagem estreita*, uma cruz de caminhos ou caminhos cruzados, caminhos divididos ou trifurcação – *nunca tranque o cruzamento* –, que foi compreendida, a partir do sonho de um paciente, como o local do genital materno: o estreitamento corresponde à sua forma.

Vejam mais um mito importantíssimo na psicanálise e que, em certo sentido, Freud opôs ao Édipo: O Mito de Narciso⁹. Seu uso por Freud

⁹ Retiramos o Mito de Narciso de Commelin (1997). Foi Ovídio quem introduziu Eco no Mito, provavelmente para preservar a simetria entre o visual e o auditivo. Eco ficou repetindo as palavras e Narciso ficou repetindo o que via. Talvez também para revelar a tensão entre o visual e o auditivo, motivo para a cisão entre a Igreja Ocidental e Oriental: Deus é imagem ou palavra? Quantos anjos cabem numa cabeça de alfinete? Se couber algum, eles podem ser figurados, senão eles são palavra. Temos igrejas com imagens e sem imagens... Um conceito preciosíssimo como o de ideal de ego, talvez de origem predominantemente materna, é visual e o sentimento que gera é a vergonha. O superego, paterno, é palavra, lei e gera mais culpa. A vergonha é um sentimento que se dá em *presença* – visual – enquanto a culpa, em *ausência* – palavra.

é o descrito em *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* (1917) – escolhemos, por sua clareza, este texto, dentre inúmeros outros.

Durante o processo de tratamento temos que considerar a distribuição da libido do paciente; procuramos representações objetais às quais esteja ligada e libertamo-la delas, de modo a colocá-la à disposição do ego. No decorrer desse processo, chegamos a formar uma imagem muito curiosa do original, a distribuição primeva da libido dos seres humanos. Fomos levados a presumir que, no início do desenvolvimento do indivíduo, toda a sua libido (todas as tendências eróticas, toda a sua capacidade de amar) está vinculada a si mesma – ou, como dizemos, catexiza o seu próprio ego. É somente mais tarde que, ligando-se à satisfação das principais necessidades vitais, a libido flui do ego para os objetos externos. [...] Para a libido, é possível desvincular-se desses objetos e regressar outra vez ao ego.

A condição em que o ego retém a libido é por nós denominada ‘narcisismo’, em referência à lenda grega do jovem Narciso, que se apaixonou pelo seu próprio reflexo. Assim, na nossa concepção, o indivíduo progride do narcisismo para o amor objetal. ...Determinada quantidade de libido é sempre retida pelo ego; mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido, persiste determinada quantidade de narcisismo. O ego é um grande reservatório, do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual regressa, vinda dos objetos. ...Para a completa sanidade, é essencial que a libido não perca essa mobilidade plena. Como ilustração dessa situação, podemos pensar em uma ameba, cuja substância viscosa desprende pseudópodes, prolongamentos pelos quais se estende a substância do corpo, os quais, contudo, podem retrair-se a qualquer momento, de modo que a forma da massa protoplásmica seja restaurada (FREUD, 1976, p.173).

Conta a história que Eco, uma bela ninfa – palavra que chegou ao Português como *noiva* e explica os lindos vestidos que lembram borboletas – amante dos bosques e dos montes, companheira favorita de Diana em suas caçadas, tinha um defeito: falava demais e sempre dava a última palavra em qualquer conversa. Um dia Hera, desconfiada que seu marido estava se divertindo com as ninfas, saiu a sua procura. Eco usou sua conversa para entreter a deusa, enquanto suas amigas se escondiam. Hera, percebendo a artimanha, condenou-a a não mais poder falar uma só palavra por sua iniciativa, a não ser responder, quando interpelada. Narciso, jovem de extrema beleza, despertava cobiça e paixão, mas preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecedora do seu amor. Este desprezo foi sua perdição. A ninfa passeava por um bosque, quando viu Narciso que perseguia a caça pela montanha. Como era belo! Seguiu-lhe o passo e quis dirigir-lhe a palavra, falar o quanto ela o desejava, mas não era possível – era preciso esperar que ele falasse primeiro para que ela então respondesse. Distraída por seus pensamentos, não percebeu que Narciso

aproximava-se; tentou se esconder, mas ele ouviu o barulho: – Há alguém aqui? – Aqui! – respondeu Eco. Vem – gritou. – Vem! – respondeu Eco. Por que foges de mim? – Por que foges de mim? – respondeu Eco. – Eu não fujo! Vem, vamos nos juntar! Juntar! – disse Eco, enquanto corria para abraçá-lo. Narciso, vendo a ninfa que corria em sua direção, fugindo, gritou: Afastate! Prefiro morrer a que me possuas! – Me possuir... – disse Eco envergonhada e correu para se esconder no recesso dos bosques.

Daquele dia em diante, passou a viver em cavernas nas montanhas. Evitava contato e não se alimentava. Com o pesar, seu corpo foi definhando e seus ossos transformaram-se em rocha. Nada restou além de sua voz. Eco, porém, continua a responder a todos que a chamam e conserva seu costume de dizer sempre a última palavra. Do alto do Olimpo, Nêmesis viu tudo e, como punição, condenou Narciso a um triste fim. Havia uma fonte de águas prateadas, linda e abrigada do sol por rochedos que a cercavam. Ali chegou Narciso, sentindo muito calor e muita sede, debruçou-se sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. “Com certeza é algum espírito das águas. E como é belo!”, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim. Apaixonou-se pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía seu olhar. Enfiou os braços na fonte para abraçá-lo, porém, ao contato de seus braços com a água da fonte, ele sumiu para voltar depois de alguns instantes, tão belo quanto antes. – Por que me desprezas, bela criatura? E por que foges ao meu contato? Meu rosto não deve causar-te repulsa, pois as ninfas me amam e tu mesmo não me olhas com indiferença. Quando sorrio, também tu sorris e respondes com acenos aos meus acenos. Mas quando estendo os braços, fazes o mesmo para então sumires ao meu contato. Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem. – Fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixa-me, pelo menos, te admirar. Esquecido de alimento e de água, seu corpo foi definhando e assim, admirando-se, morreu Narciso. As ninfas choraram seu triste destino e teriam cremado seu corpo se o tivessem encontrado, mas só acharam uma flor roxa, rodeada de folhas brancas que passou a ser chamada com o seu nome. Dizem ainda que, quando a sombra de Narciso atravessou o rio Estige, em direção ao Hades, teimosamente debruçou-se sobre suas águas para contemplar sua figura.

Em uma das variantes, Narciso era apaixonado pela irmã gêmea, usavam o mesmo tipo de roupas e caçavam juntos. Quando ela morreu, consumiu-se de desgosto e fingiu que o reflexo que via na água era sua irmã. Em outra versão, Narciso, orgulhoso e insensível, é punido por ter desprezado todos os seus pretendentes masculinos. Talvez fosse um conto de aviso dirigido aos rapazes adolescentes: Amantis, um jovem, amava Narciso, mas era desprezado. Narciso deu-lhe uma espada de presente que foi usada por Amantis para se matar à porta de sua casa, não sem antes ter rogado a Nêmesis que Narciso conhecesse, um dia, a dor do amor não correspondido. Esta maldição foi cumprida, quando Narciso ficou

encantado por seu reflexo no lago e tentou seduzir o belo rapaz, não se apercebendo olhava a ele próprio. Completando a simetria do conto, Narciso toma a espada e suicida-se.

Freud lança, novamente, mão do mito apenas como uma metáfora explicativa de uma dada restrição do campo vivencial dos pacientes: por acontecer no humano, acontece na mitologia. O narcisismo tem seu nome derivado de Narciso, palavra que se origina do termo grego *narke*, entorpecido, do qual também deriva *narcótico*. Não existe área de mais intensas disputas na psicanálise do que esta do narcisismo, exatamente pela importância clínica de compreender-se o sofrimento humano atual, como a depressão – 20% da população adulta desenvolve, em seu ciclo vital, algum episódio depressivo maior, o qual, em 50% dos casos, se repetirá. Quando isto acontece, a depressão reaparecerá novamente em 80% dos casos e, nesta situação, 10% das pessoas se suicidarão. A clínica verificou que existem mais indicativos do humano expressados de modo relevante no mito. Impossível alguém ficar com a mente fixada, trancada em perdas e danos graves, sem algum ganho para o narcisismo, sem levar alguma vantagem nisso.

Neste mito temos três suicídios em quadros depressivos explícitos: Eco, Amantis e Narciso, todos num fundo de humilhação e vergonha por não terem sido amados; nenhum por culpa – embora o abelheiro onde nos metemos com esta afirmação. Não é difícil perceber como isto é atual em nós e não é fácil explicar estes dados na *Psicologia do Id e do Ego*: identificação com o agressor não é, pois *não amar alguém não pode ser entendido como agredir alguém*. Então, o amor mata? Destas questões, nascem conceitos como ideal-de-ego, ego-ideal, superego e, em *Sobre o narcisismo: Uma introdução* (1914,) emerge a terceira psicologia, a *Psicologia do Self*, com o conceito de dimensão narcísica da personalidade. Mais não é pertinente discutir.

Uma última questão a propósito das falsas histórias em que se transformam os mitos desmitologizados – não esqueçamos que Freud desmitologizou Édipo e Narciso. A questão é que, para se produzir sofrimento, é necessário fazer alguém acreditar em algo que sabe ser falso, pois o alimento do *self* é a verdade. Nestes casos, estas mentiras comportam efeito patogênico ao indivíduo e ao grupo, produzindo deformações nas próximas gerações. Além de o mito *ter de ser* uma história verdadeira, viva, para o crescimento e desenvolvimento das pessoas, *deve investir na criatividade*. É freqüente vermos instituições, nações mesmo, usando mitos, figurados em anseios coletivos como processos defensivos, a fim de negar ou resistir a realidades penosas, cuja característica é a perda de elasticidade dos mitos e dos rituais que organizam. Quem desmitificar um mito pagará um preço muito alto – veja-se Freud, Bion, Klein, para dizer dos que nos estão próximos, que tiveram apenas a pertença comprometida, o que é muito pouco perto dos que perderam a vida e tiveram os familiares aniquilados também. A tendência, pois, é que fiquem em segredo, mas então produzirão sofrimento pessoal e tensão institucional.

2 Aspectos do mito como produção cultural inter e transubjetiva subjetivadora: Como pode o mito subjetivar?

El mito es un habla. Claro que no se trata de cualquier habla: el lenguaje necesita condiciones particulares para convertirse en mito. De estas condiciones hablaremos enseguida. Pero lo que desde ya sabemos plantear como fundamental es que el mito constituye un sistema de comunicación, un mensaje. Esto indica que el mito no podría ser un objeto, un concepto o una idea; se trata de un modo de significación, de una forma. Más adelante habrá que imponer a esta forma límites históricos, condiciones de empleo, reinvestir en ella la sociedad; nada impide, sin embargo, que en un principio la describamos como forma (BARTHES, 1999, p.118).

Faltou vida ao conceito de Barthes, que não escapou à exigência conceitual de Eliade (1963/2006): *o mito deve ser algo vivo*. A experiência mítica implica que se sinta o mito como uma história verdadeira, como algo que de fato é e que, quando estivermos imersos nele, mudemos o tempo e o lugar de nossas mentes. A atemporalidade, estabilidade relativa e repetição dos mitos sustentam a experiência anímica, na qual os objetos estão dotados de partes de nosso psiquismo, numa experiência religiosa, mística. São eles que fundam os ritos, revelando seus modelos exemplares e normatizam as atividades humanas significativas, dando-lhes magia. Seus personagens sempre são Entes Sobrenaturais¹⁰, mas reais e só se ocupam de coisas relevantes para nós todos, individual ou coletivamente.

Os mitos têm, em comum, a tentativa de responder questões fundamentais do humano. Os *cosmogônicos* ocupam-se das origens da vida e do mundo, *no princípio era o caos*. Os *escatológicos* dizem o que nos acontecerá depois da morte – sempre é bom lembrar que são pouquíssimos os mitos que nos atribuem imortalidade. Imersos no Mito Cristão, não percebemos que as coisas começam com Zoroastro (século VI a.C.) que falou de Chinvat, uma ponte a ser atravessada após a morte, que permitia a passagem dos justos, mas estreitava-se aos malfeitores, fazendo-os cair no inferno. O zoroastrismo posterior elaborou a idéia de punição ou salvação, de ressurreição e de purificação final dos pecadores. Zaratustra – está também em Nietzsche – foi o fundador do Zoroastrismo que quer dizer *contemplador de astros*¹¹, os nomes são equivalentes em persa e grego. Os mitos *teogônicos* falam de deuses que, tendo outrora governado (ou mesmo criado) a existência, são depositos por novos deuses (até mesmo seus descendentes), caracterizando a freqüente disputa de poder, que não se

¹⁰ Vamos revisar com brevidade algumas idéias retiradas de Eliade (1963/2006), Ruthven (1976/1977), Barthes (1957/1999), Commelin (1993/1997), Cassirer (1924/2000). Para uma leitura fluente e consistente, recomendamos Armstrong (2005/2005).

¹¹ Este ritual deu origem a duas palavras muito preciosas para nós: *Desejar* e *Considerar*. Com *siderio*, no latim, aponta que se encontrou uma solução, que se está com os astros; já *de siderio* indica uma falta, uma busca continuada, por isto ainda *desejamos* algo quando vemos uma estrela cadente (*sidério*).

dava somente entre deuses, mas entre diversas raças que, ao se julgarem suficientemente poderosas, tentavam tomar o poder universal. Ocupam-se da dinâmica da vida, com seus misteriosos ou inexplicáveis eventos sendo atribuídos aos desígnios de Entes Sobrenaturais.

O mito sistematiza o ordenamento da moralidade a partir de fora, pois é clara a desaprovação dos deuses-pais e sua vingança pelas transgressões – especialmente o parricídio, o incesto e o narcisismo – de leis fundadoras da civilização. Estão relacionados à história humana e são semelhantes em culturas com momentos evolutivos similares: os sacrifícios humanos e de animais eram comuns no paleo e neolítico (20000 a 4000 a.C.), relacionados à fonte da vida no corpo feminino e, depois, à terra com a agricultura. Sacrifícios como o de Jesus e tantos outros são extensão de temáticas algo diversas, mas sempre relacionadas a fenômenos grupais e resultantes de tensões com a natureza ou entre culturas, ou de tensões na mudança de estratificação social de grupos.

Qualquer acontecimento social relevante pode ganhar uma explicação mítica. De um evento no bairro à explicação do mundo; iniciam em lendas urbanas e aglutinam experiências grupais anímicas, desde o *chupa-cabra* à origem do mundo, da diferença de sexos, que trouxe a morte com ela, às origens, às diferenças de gerações e à história. Existem mitos para cada estrutura psicológica. Se não acessássemos a imersão em algum mito não poderíamos ser considerados humanos; existem mitos para o neurótico, para o perverso e para o psicótico, independentemente do grau de sua capacidade simbólica.

O pensamento mágico, mítico, corresponde a uma etapa do desenvolvimento normal, assim como a senso-percepção tem suas próprias etapas de desenvolvimento. Muito provavelmente a idéia grandiosa de Deus, onipresente, onisciente e onipotente, corresponde, no contra-ponto, ao psiquismo humano muito imaturo e dependente no momento do nascimento – narcisismo primário – e com seu psiquismo imerso no mundo das *coisas-em-si*. Os objetos concretos apossam-se de parte do psiquismo, ficam vivos – *olha o bicho papão!* – animismo e, depois, é a vez das palavras serem investidas de partes do psiquismo, magia. Cassirer (1924) é adepto à idéia que a *designação* é essencialmente ambígua e dessa ambigüidade, dessa paronímia das palavras, nascem os mitos. Sendo a mitologia uma necessidade inerente à linguagem, ela resultaria da tensão entre a imensa capacidade de nominação da linguagem e o processo de pensamento, relativamente frágil, quer individual quer socialmente. Na verdade, ele sustenta isso sem trazer muito novidade; é só observarmos que existem estados que ainda se regulam por códigos religiosos milenares e não por constituições eleitas e que:

A consciência teórica, prática e estética, o mundo da linguagem e do conhecimento, da arte, do direito e o da moral, as formas fundamentais da comunidade e do estado, todas elas se

encontram originariamente ligadas à consciência mítico-religiosa (CASSIRER, 2004, p.64).

O animismo da Palavra¹² leva a que Deus, seria um ser espiritual, que pensou o mundo antes de criá-lo – pensamento verbal – usou a Palavra como meio de expressão e como instrumento de criação. O desenvolvimento da criança nos mostra que a Palavra é portadora de realidade, ela é mágica. Diga-se para uma criança com quatro anos que ela tem um *linguão* e teremos problemas... A palavra criou o *linguão*. Para nós adultos, contaminados pelos mitos, ela também, é muito eficaz: “O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão”, profetizava Antônio e criava o evento no futuro, impondo comportamentos para evitá-lo. Curiosamente, os mitos não servem ao modelo arqueológico, em que escavamos e encontramos vestígios e reminiscências de outros mitos. Quando eles se presentificam, vivos, estamos neles e eles, por inteiro, estão regenerados, se é que, em algum tempo – atemporais que são -, foram mutilados. Por isto, os lugares sociais, institucionais, a organização do espaço e do tempo familiar, a escolha dos nomes dos filhos são experiências vívidas; não podemos nos descolar delas sem violar tabus, perder a pertença grupal e ficar dessubjetivados.

Antes de seguirmos adiante e descrevermos que alguns mitos podem ter sido impregnados no humano, ter sido subjetivadores do humano, vejamos o problema dos *mitos* contrastado com o modo grego de ver o mundo – a *ciência*, como assinala Burnet (1930). Os gregos eliminaram pela dialética, pelo perguntar, pelo refletir, o mítico do mundo e também relegaram a segundo plano o estético e o religioso. Em inúmeros lugares, como em Fedro e a República, Platão assinala que a arte e os mitos *não são produtores de verdade*. A oposição do *logos* ao *mito* é, talvez, o que mais diferencia o pensamento grego do oriental. O sentido atual de mito – como fábula, coisa de ignorante, mentira – remete à modificação introduzida por Platão, mas, cumpre dizer, devemos distinguir entre *falsos mitos* e mitos. Platão em A República, secundarizou as artes, porém ali também está o *Mito da Caverna*. De qualquer modo, à psicanálise interessa o verdadeiro, o falso e, especialmente, a mentira. Badieu (1998), contrapondo-se a isto e tentando não jogar fora a criança com a água do banho, tem um texto especialmente cuidado a propósito deste tema:

A coisa pela qual a arte educa é simplesmente a sua existência. Trata-se apenas de encontrar essa existência, o que quer dizer, pensar um pensamento (BADIEU, 1998, p.21).

Outro modo de dizer, com Klee, *a arte não cria, ela torna visível*. Essa tarefa é a tarefa da psicanálise que deve, como *práxis*, tomar muito cuidado

¹² Daí dizermos que, quando a gente morre, vai para Deus, na verdade, vai para a Palavra. Quando enunciada, ela *presentifica* nossos mortos. As igrejas antigas serviam também de cemitérios que, depois, por falta de espaço, foram transferidos para os fundos. Esta disposição figurativa indica a permanência do mais antigo de todos os cultos: o culto aos antepassados. O padre quando fala, fala com a voz dos mortos enterrados na igreja ou, de costas para o cemitério, assume a locução deles.

com modelos externos, pois o próprio modo grego de ver o mundo traciona a essência de seu objeto de estudo: os mitos individuais e a submissão aos mitos coletivos (sociais e institucionais). Vejamos a recomendação de Cassirer:

Assim, tanto o saber, como o mito, a linguagem e a arte, foram reduzidos a uma espécie de ficção, que se recomenda por sua utilidade prática, mas à qual não podemos aplicar a rigorosa medida da verdade, se quisermos evitar que se dilua no nada. Contra esta autodestruição do espírito, não resta senão um remédio: aceitar com toda seriedade o que Kant chamou de 'revolução copernicana'. Em lugar de medir o conteúdo, o sentido e a verdade das forças intelectuais por algo alheio, que deva refletir-se nelas imediatamente, cumpre descobrir, nestas próprias formas, a medida e o critério de sua verdade e significação intrínseca. Em lugar de tomá-las como meras reproduções, devemos reconhecer, em cada uma, uma regra espontânea de geração, um modelo de tendências originais de expressão, que é algo mais do que a mera estampa de algo de antemão dado em rígidas configurações de ser (CASSIRER, 2000, p. 21).

Freud, ao usar a literatura e os mitos, a produção cultural, para argumentar sobre sua teoria das pulsões, lançou a pedra no abelheiro: estamos trancados em algo que chamamos *Complexo de Édipo*, então, além de se demonstrar, pelo modo grego de ver o mundo, que *complexos* de fato explicam como a mente funciona, demonstra-se que o *conteúdo* dos *complexos* é mítico. Funciona apenas em Édipo e Narciso? Variantes? Outros Mitos? Do Jardim do Éden? Da Torre de Babel? Nesta temática, veremos como, na base, a concepção aristotélica da sexualidade é semelhante à concepção que Freud descreveu como presente no inconsciente.

Aristóteles, nos textos *Sobre a Geração dos Animais* e *Geração e Corrupção*, foi o primeiro a expressar que as mulheres concebem mesmo sem orgasmo e que, de qualquer modo, esse prazer feminino não seria muito freqüente. O líquido das secreções femininas não seria espermático; seria uma secreção local própria a cada mulher, o prazer clitoridiano estaria afastado do local de origem de uma possível secreção espermática, o colo do útero. Em sua idéia de que a *função faz o órgão*, não seria admissível que algo fosse secretado para depois ser novamente absorvido, pois *a natureza é econômica*. Embora os médicos da época não tenham apoiado suas convicções, sua lógica era irrefutável. Onde estaria o esperma feminino? Sua conclusão era que não existia. Aristóteles sustentou que *a fêmea é um macho estéril. A mulher é um macho mutilado, os mênstruos são um esperma, mas um esperma impuro e a mulher se caracteriza por uma impotência, tendo a função de operar o cozimento do esperma*¹³. Estas idéias são bastante conhecidas e fazem parte de todas as religiões modernas. Lembremos que, por longo tempo, nos primeiros séculos de nosso milênio, os sábios discutiram se a mulher teria alma.

¹³Aline Rousselle, em seu estudo *Pornéia – sexualidade e amor no mundo antigo* (1984), discute as idéias aristotélicas sobre a sexualidade o que, naturalmente, motiva a comparação com a concepção freudiana sobre o material presente no inconsciente.

Parece claro que se Aristóteles, em sua *Metafísica*, colocou o mundo das idéias de Platão, mundo este até então partilhado com os deuses, dentro de nossa cabeça, Freud colocou a sexualidade aristotélica, partilhada como o real de seu tempo, no nosso inconsciente. *Mas como as idéias podem se parecer tanto? Como podemos nós entender que Aristóteles e Freud tenham, profundamente, a mesma noção do que seja uma mulher?* Podemos argumentar aqui do mesmo modo que Freud o fez ao contrastar o Mito de Édipo com Hamlet:

Mas o tratamento modificado do mesmo material revela toda a diferença na vida mental dessas duas épocas, bastante separadas, da civilização: o avanço secular do recalamento na vida emocional da espécie humana. No Oedipus, a fantasia infantil imaginária que subjaz ao texto é abertamente exposta e realizada, como o seria num sonho. Em Hamlet ela permanece recalçada; e – tal como no caso de uma neurose – só ficamos cientes de sua existência através de suas conseqüências inibidoras. (FREUD, 1975, p.280).

Então, ou admitimos a circularidade dos argumentos e respondemos que o inconsciente assim é e por isto Aristóteles pensava o que Freud encontrou no inconsciente – embora Aristóteles assumisse este discurso conscientemente, isto é, o inconsciente descrito por Freud já foi consciente – ou temos de admitir uma base comum a ambos. Conseqüentemente, teremos de admitir que, provavelmente, eles estão a serviço de um mesmo mito. Campbell (1988), conforme a tradição, divide em quatro grupos¹⁴ todos os mitos conhecidos da criação. Temos, pois, de abordar o problema da criação já que falamos de diferenças de sexo e de castração.

No primeiro grupo, o mundo é criado por uma deusa mãe, como no mito grego em que Geia (terra, *geo*) cria todos os demais deuses, *sozinha*. Também Anamburucu (nanã buruquê, nanã, nanamburucu) no Candomblé origina *sozinha* todos os orixás. Trata-se de uma divindade iorubana (sudanês da África Ocidental) que vive num poço e é considerada a mais velha das mães-d'água. Note-se que aqui *só* o sexo feminino é reconhecido como a origem da vida. No segundo grupo, ele é criado por um *casal criador* ou então um deus (deusa) andrógino como se dá no hinduísmo e no Yin-Yang da mitologia chinesa. Yin, no taoísmo, é o princípio feminino, passivo, terrestre, absorvente, frio e obscuro. Com ele coexiste o yang, o princípio masculino, ativo, celeste, penetrante, quente e luminoso. No terceiro grupo, um deus macho despoja o poder da deusa, tomando-lhe o poder pela força, como se dá na mitologia sumeriana.

No quarto grupo, um macho *cria* o mundo, como, principalmente, no nosso mito cristão. Javé cria o mundo em sete dias e, ao final, cria o homem e só depois a mulher, mas, esta, a partir do homem. Daí a afirmação na Idade Média, no *Malleus Maleficarum*, (KRAMER e SPRENGER, 1993),

¹⁴ Também descrito em Armstrong (2005) que abarca conhecimentos antropológicos, históricos, lingüísticos e de religiões comparadas.

que as mulheres são mais permissivas com o demônio ‘*porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta*’. O roubo da função criativa da mulher é evidente no Mito Cristão. A semelhança entre o enfoque de Aristóteles e o de Freud pode ser explicada, supondo-se que ambos estavam a serviço de um mesmo mito.

3 Considerações finais

No esforço de manter a psicanálise como ciência natural ou, pelo menos, muito presa a ela, em sua teoria pulsional, é possível que Freud tenha se equivocado e levado longe demais suas concepções reducionistas. Repare-se que ele explica Édipo pelas pulsões individuais em jogo – explica o mais complicado pelo mais simples, o mais alto pelo mais baixo, o que não é possível, pois com a *soma* de iguais aparece a relação dita *soma*. O social também é explicado a partir de fontes individuais. De novo, não é possível tal coisa, pois o social, além de ser a *soma* de, provavelmente, boa parte das mentes que já existiram, na qual se envolve a relação *soma*, resulta da óbvia interação entre elas que cria novos espaços de geratividade. Estes melhor seriam chamados de espaços emergentes – deles a psicanálise transgeracional se ocupa, buscando eliminar sofrimentos que se repetem e impedem a criatividade. A opção inversa – alguma estrutura de poder mitologiza a mente em seu processo de geração (o que é bem possível que ocorra) – seguramente, afastaria Freud de suas fontes energéticas, capaz de ligá-lo à ciência natural e acabaria o aproximando de Hegel, da metafísica idealista, inaceitável para seu momento histórico, mas não para o final de sua vida como indica a pergunta: “Como teria persistido na mente do povo judeu que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram?”

Atualmente, é muito clara a tendência de nos definirmos só pelo que podemos fazer no futuro, em potência. Estamos todos com os olhos no futuro, tomando cuidado para não repetirmos o passado. O interesse pelo passado se dá na medida em que ele nos impede o acesso ao *númeno* de Kant, a coisa-em-si, embotando com sistemas saturados nossa experiência vital criativa. Dito, talvez de modo mais simples, podemos descrever o ponto, mas temos a rede para ser descrita também. O ponto cresce e se desenvolve – e este processo tem janelas maturativas. Terminada a maturação, ele se encontrará localizado num lugar estrutural, numa rede mítica, digamos. Nosso longo período de fetalização permite que nos impregnemos da cultura. Nascermos extremamente dependentes, imaturos e vamos crescendo e nos desenvolvendo sempre nos moldes possíveis da cultura – nas suas várias manifestações. Sendo que o que ora nos ocupa é a mítica, vamos fechando nossas janelas biológicas neste processo. Uma boa definição de saúde, então, é manter áreas insaturadas da mente para continuar o desenvolvimento.

Evidente que, fora do modelo biológico, pulsional, da fonte

energética do corpo, do leito rochoso da biologia, é muito difícil que as catedrais se sustentem, mas já não é mais possível secundarizar a historicidade do humano como mostra a relevância clínica da psicanálise *extramuros*, vincular e transgeracional. Se escutarmos o que se dá nos encontros com os ouvidos que Freud nos legou, tanto para o atendimento individual, como para a compreensão dos grupos, veremos a emergência de acontecimentos, de segredos, a repetição, quiçá, de fatos do paleo e do neolítico e, alguém já disse, veremos remanescentes reptílicos. Talvez, se ouvirmos o silêncio num grupo, alguém já disse, possamos profetizar.

Recebido em outubro de 2007.

Aprovado em outubro de 2007.

Title: Myth and Psychoanalysis: When they live us and when we live them?

Abstract

This study by the way of the use of myths as demonstrative models of psychoanalytic theoretical systems and as capable of subjetivation generating, summarily approaches the problem of the production of truth in the psychoanalysis. He tells Myths of Oedipus, Narcissus and Echo in these perspectives and points the properly product of the theorization, in this area, as mythical, operating as uncover memory. He points myths as important elements contained in the culture and subjectivities transmitters between generations, emphasizing the mythical immersion where we live, alive and usual experiences, and the high cost in suffering for the loss of the sense belongs group to if opposing to group and institutional myths.

Key words: Myths of Oedipus. Narcissus and Echo. Generational transmission. Subjetivation. Language and Religion.

Referências

ABRAHAM, K. Sueños y Mitos. Un Estudio de Psicología Colectiva. *In: Estudios Sobre Psicoanálisis y Psiquiatría*. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1909/1961.

_____. Dos Contribuciones al Estudio de los Símbolos. *In: Estudios Sobre Psicoanálisis y Psiquiatría*. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1961.

ARISTOTE. *Traité sur les parties des animaux*. Paris: Aubier Éditions Montaigne, 1945.

ARMSTRONG, K. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BADIOU, A. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARTHES, R. *Mitologías*. Madrid: Siglo veintiuno editores s.a., 1957/1999, Ed 12.

BURNET, J. *O despertar da filosofia grega*. São Paulo: Siciliano, 1994.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Associação Palas Athena, 1988.

CASSIRER, E. 4. Ed. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *O ideal do ego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- COMMELIN, P. *Mitologia Grega e Romana*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURANT, W. *História da Filosofia*. São Paulo: Nacional, 1966.
- ELIADE, M. 6. Ed. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FREUD, S. (1900) – *A Interpretação de Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v5.
- _____ *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v13.
- _____ *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v14.
- _____ *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1898/1976, v3.
- _____ *Lembranças Encobridoras*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v3.
- _____ *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v17.
- _____ *Moisés e o Monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v23.
- GROSSKURTH, P. *O mundo e a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____ *O Círculo Secreto*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1934/1970.
- _____ *O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos*. In: *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1940/1970.
- KRAMER, H. e SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum* (O martelo das feiteiras). Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.
- MALINOWSKI, B. *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- MASSON, J.M. (Ed). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- PLATÃO. *Fedro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.
- _____ *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- ROUSSELLE, A. *Pornéia: Sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- RUTHVEN, K. K. *O Mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- SCHUR, M. *Freud: Vida e Agonia: uma Biografia*. Rio de Janeiro: Imago, 1981, v3.